

Ferdinand Denis e os paradigmas da história da literatura

Regina Zilberman*

Resumo

Exposição dos motivos que levaram Ferdinand Denis, nas primeiras décadas do século XIX, a escrever os *Resumos da história literária de Portugal e do Brasil* adotando a perspectiva inovadora, na época, da história da literatura.

Palavras-chave: resumos da história literária de Portugal e do Brasil, história da literatura, literatura portuguesa, literatura brasileira.

O pesquisador

Jean Ferdinand Denis nasceu em Paris, em 1798, filho, conforme Georges Le Gentil, “dum funcionário do Ministério dos negócios estrangeiros”.¹ Saiu da França em 1816, aparentemente na direção das Índias, na busca de autonomia financeira.² Acabou desembarcando no Rio de Janeiro, tendo nas mãos carta de recomendação do padre Francisco Manuel do Nascimento, que, na Arcádia Lusitana, chamava-se Filinto Elísio e, na época, ainda exercia grande influência poética e política.³ Depois de seis meses, seguiu para a Bahia, trabalhando junto aos representantes comerciais da França, que sofriam a concorrência dos ingleses no que diz

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

respeito à troca, entre seus respectivos países e a colônia portuguesa, de produtos naturais e industrializados.⁴

Jean-Paul Bruyas sugere que a estada no Brasil, em especial na Bahia, exerceu papel decisivo no destino do futuro escritor:

Ferdinand Denis ficou seis meses no Rio de Janeiro, mais de dois anos na Bahia, e essa estada, que vai de 1816 a 1819 e correspondeu ao período dos dezoito aos vinte e um anos de idade, orientou o rumo de toda sua vida e de suas atividades.⁵

O mesmo pesquisador informa que, “no Brasil, Denis se tornara amigo de Hippolyte Taunay, filho do pintor Nicolas Taunay, membro da Missão artística francesa, enviado ao Rio, em 1816”, amizade que rendeu a produção de um livro em parceria, *Le Brésil*, ou *Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicado em seis volumes, entre 1821 e 1822. Sinal de que, ao deixar a Bahia, o jovem retornou à sua cidade natal, dedicando-se doravante à atividade literária, com ênfase na escrita de obras relativas à América e a Portugal, sobretudo, e ao seu trabalho de bibliotecário, e depois curador, da Biblioteca de Santa Genoveva, em Paris, posto que obteve em 1838 e conservou até a morte, em 1890. Antes, porém, viajou por outros países da América, conforme relata Joaquim Norberto, no necrológio dedicado à memória do historiador francês, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁶

Também em 1821 e na França, Denis publicou a carta de Pero Vaz de Cami-

nha sobre o descobrimento do Brasil. O texto, que apareceu no fascículo 28, do tomo sete, do *Journal de voyages, découvertes et navigations modernes*, ou *Archives géographiques et statistiques du XVI^e siècle*, editado por Jean-Théodore Verneur, é, conforme Maria Helena Rouanet, a “primeira publicação da *Carta* noutra língua que não o português”.⁷ Em *Le Brésil*, já mencionado, Denis reproduziu o documento de Pero Vaz de Caminha, segundo observa a mesma pesquisadora.

Em 1823, Ferdinand Denis dedicou-se também a temas não brasileiros: lançou, em dois volumes, *Buenos-Ayres et le Paraguay*, ou *Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de cette partie de l'Amérique*, além de uma de suas obras mais controversas e conhecidas, *Camoens et Jozé Indio*, biografia ficcionalizada dos últimos anos do épico português. Esse texto foi reeditado em 1824, junto com *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, obra que atraiu a atenção de Sainte-Beuve, crítico severo das deficiências do trabalho. *Scènes de la nature sous les tropiques* incluiu também duas experiências na ficção, *Palmares* e *Os maxacalis*, que, embora lidem com temas relativos à história do Brasil e assumam premonitória perspectiva indianista, permaneceram sem tradução por mais de 150 anos.⁸

Em 1825, Ferdinand Denis escreveu um de seus livros mais bem-sucedidos, o *Résumé de l'histoire du Brésil et de la Guyane*, que alcançou duas edições no mesmo ano. Foi traduzido no Brasil

por Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde e, conforme Joaquim Norberto, “adotado por circular do governo às câmaras municipais do império para leitura das escolas primárias”.⁹ Talvez o sucesso desse trabalho tenha-o levado a redigir os resumos de história da literatura, publicados num único volume em 1826. Esse texto, porém, não foi traduzido na época,¹⁰ embora tenha constituído leitura obrigatória, pelo menos, dos românticos brasileiros, conforme se verifica em ensaios de Joaquim Norberto e João Manuel Pereira da Silva, que calcaram seus juízos sobre obras literárias pertencentes ao patrimônio brasileiro nas teses do estudioso francês.¹¹

Denis publicou livros e ensaios até sua morte, abrangendo assuntos variados que se estendem de biblioteconomia à cultura oriental, de que era igualmente grande admirador. Seu interesse pelo Brasil e pela América Latina nunca esmoreceu, haja vista o lançamento de obras como o *Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de La Plata, suivi du Résumé de l'histoire du Chili*, de 1827, a *Histoire géographique du Brésil*, de 1833 (reimpressa em 1834 e 1835), *Brésil*, de 1837 (um dos poucos livros de Ferdinand Denis encontráveis em catálogos atuais de editoras brasileiras), *Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, de 1850, e *Voyage dans les forêts de la Guyane*, de 1853.

Por outro lado, suas pesquisas enfocam igualmente a cultura e a história portuguesas, destacando-se sua admiração por Luís de Camões, sobre o qual

escreveu em estudos introdutórios às várias edições francesas dos poemas daquele poeta. Foi igualmente divulgador da dramaturgia portuguesa, redigindo “Notice sur le théâtre portugais” na qualidade de apresentação às *Chefs-d'oeuvres du théâtre portugais*, de 1833. Em 1835, traduziu duas peças de Antônio Ferreira, a tragédia *Castro*, que denomina *Inez de Castro*, e a comédia *O cioso*, *Le jaloux* na versão de Denis. A história do frei Luís de Sousa rendeu-lhe outra obra, também em 1835, *Luiz de Souza*, em dois volumes, que, depois, quando do lançamento da tragédia de Almeida Garrett, de título similar, suscitou interminável polêmica.¹²

Não há evidências de que Ferdinand Denis e Almeida Garrett se conhecessem pessoalmente, embora ambos habitassem Paris, à época em que o poeta português vivia lá, onde escreveu seu *Camões*, de 1825, e publicou o “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa”, que introduz o primeiro volume do *Parnaso Lusitano*, de 1826. Há, porém, semelhanças no modo com que os dois tratam a biografia e a personalidade de Luís de Camões, em obras lançadas quase simultaneamente, o poema *Camões* e o mencionado *Camoens et Jozé Indio*, de 1823. Similaridades encontram-se igualmente no tratamento conferido por Garrett e por Denis à figura do frei Luís de Sousa, em textos conhecidos, respectivamente, em 1835 e 1844.

Também entre os Resumos e o “Bosquejo” verificam-se pontos de contato, devido provavelmente à consulta das

mesmas fontes e ao compartilhamento de similar perspectiva crítica, em que se cruzam valores herdados do classicismo e da retórica, e as novas idéias, extraídas dos historiadores da literatura e dos ideólogos do romantismo em ascensão. No “Discurso preliminar”, esses pressupostos aparecem justificando sua abordagem.

Os *Resumos* e o “Discurso preliminar”

O falso rosto do livro de Ferdinand Denis apresenta o título *Résumés de l’histoire littéraire du Portugal e du Brésil* (*Resumos da história literária de Portugal e do Brasil*), simplificando a denominação provavelmente correta que aparece na folha de rosto: *Resumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil* (*Resumo da história literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*).

Em ambas as páginas, a palavra Portugal tem um destaque gráfico muito maior, graças ao tamanho da letra empregada. O nome dos dois países aparece em negrito, mas o corpo escolhido para designar a nação portuguesa é maior, sinalizando a atenção do escritor conferida à produção literária daquele país.

Não apenas esse aspecto confere maior visibilidade a Portugal, o que poderia ser interpretado como uma jogada de *marketing*. Afinal, na capital da França, moravam muitos portugueses (Almeida Garrett entre eles, como

se mencionou), que publicavam suas obras na cidade e circulavam um saber no interior desse grupo, haja vista a existência dos *Anais das ciências, das artes e das letras*, editados periodicamente pela Sociedade de Portugueses Residentes em Paris, entre 1818 e 1822, em que Denis embasou parte de sua pesquisa, conforme cita ao final do “Discurso preliminar”. Também a distribuição da matéria é reveladora da importância superior conferida à literatura originária de Portugal, pois essa ocupa mais de quinhentas páginas, divididas em 34 capítulos, enquanto a literatura do Brasil cabe em oito capítulos, num total de noventa páginas.

No entanto, a literatura do Brasil não aparece como apêndice ou extensão ultramarina da literatura portuguesa, ainda que o escritor aborde aquela produção em 1826, quando o país começava a se organizar politicamente enquanto nação autônoma. O Brasil, cuja história, em 1825, fora objeto de um resumo independente, suscita a redação de um segmento auto-suficiente, ainda que, no “Discurso preliminar”, o pesquisador misture o material, como se observará a seguir.

Igualmente datado de 1826, o “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa”, de Almeida Garrett, não procede a qualquer separação entre as duas literaturas, que entende unidas pela língua e pelos propósitos. Os *Resumos*, de Denis, não acompanham esse raciocínio, porque adota o critério da nacionalidade; o afastamento, porém, é relativo, porque, quando tem

oportunidade, o historiador francês insere observações relativas aos autores nascidos no Brasil, não para proceder a comparações – o que acentuaria a diferença entre as duas literaturas –, mas para reforçar concepções referentes ao conjunto da produção artística examinada.

Podem-se destacar no “Discurso preliminar” quatro questões básicas, a saber:

- os objetivos da escrita da obra;
- as concepções de literatura e de história literária;
- a proposta de divisão em períodos e as referências à literatura brasileira;
- as fontes de pesquisa consultadas por Ferdinand Denis.

a) Quanto aos objetivos

Desde os parágrafos iniciais do “Discurso preliminar”, esclarecem-se os propósitos que levaram Ferdinand Denis a redigir o *Resumo da história literária de Portugal*: os franceses passaram muito tempo sem revelar qualquer curiosidade pelas literaturas de outros países, desinteresse decorrente não apenas de desdém pela cultura do outro; como a literatura francesa era imitada pelas de seus vizinhos, o público acreditava não encontrar naquelas qualquer novidade. Ler o espelhado não agradava ao proprietário dos espelhos, daí resultando o isolamento dos conterrâneos de Denis em relação às demais nações literárias.

Denis não contraria esse posicionamento, comentando: “É preciso confessar que as outras nações muito ajuda-

vam a desenvolver nossa prevenção desdenhosa.”¹³ Destaca, porém, que os tempos são outros, em virtude de as nações terem adotado nova prática. Seu exemplo provém da Alemanha, que se entregou “às suas próprias impressões” (p. VI), buscando no passado a fonte de inspiração para a criação literária. A imitação do alheio foi deixada de lado, e a originalidade capacitou-os a fundar uma literatura.

Originalidade é a palavra de ordem, que Denis reconhece nas literaturas emergentes, exemplificadas pelas criações provenientes da Alemanha. Elas resultam da decisão dos povos que dizem: “queremos ser nós mesmos”, porque “tiveram o sentimento de sua própria força” (p. XX). O autor conclui: quando ocorreu esse fenômeno, “compreendemos que podiam tornar-se rivais poderosos, e quisemos conhecê-los” (p. VI).

Denis escreveu, pois, seu livro com o pensamento no leitor francês. Provavelmente, não cogitava que o grande público fosse escolher seu livro, mas esperava que seus compatriotas acompanhassem seu raciocínio, voltando o olhar para as literaturas estrangeiras, que, de certo modo, desafiavam a hegemonia gaulesa. Mais adiante, especifica porque, dentre as literaturas estrangeiras, elegeu como objeto a de Portugal: menos conhecida que a da Espanha, porém, não menos importante, era hora de divulgá-la, tarefa de que se incumbe em sua obra.

Focado no leitor francês, Denis explica ainda outras marcas de seu livro: é mais completo que os de Friedrich

Bouterwek, *História da poesia e da eloquência*, e de Simonde de Sismondi, *De la littérature du Midi de l'Europe*, que o antecederam, mas, por razões de espaço editorial, não pôde ser tão abrangente quanto gostaria. Procurou inserir trechos dos textos mencionados e examiná-los, mas, mesmo assim, lamenta não ter tido oportunidade de anexar uma antologia do material com que trabalha.

O parágrafo a seguir sintetiza as aspirações do autor no que se refere aos objetivos de sua pesquisa e às suas expectativas de recepção por parte do público francês:

Ocupando-me da obra que agora ofereço ao público, estou convencido de sua necessidade; surpreendido com as riquezas que se apresentavam diante de mim, ficou-me o pesar de só poder dar a conhecer uma pequena parte sua: desta vez, seria preciso reunir a maior parte dos documentos necessários a uma história literária antes de fazer seu resumo. Obrigado a rejeitar uma porção de detalhes, de examinar incessantemente sem poder dizer o que descobria, restou-me a certeza de apenas ter feito sobre a literatura portuguesa um trabalho mostrando a necessidade de uma obra mais extensa. A minha talvez possa tornar-se de alguma utilidade aos amigos das letras, porque sempre bebi nas fontes (p. IX).

Obra que se restringiu a uma única edição e não chegou a ser traduzida em sua integralidade para o português, como seria de se esperar, o *Resumo da história literária de Portugal* provavelmente não alcançou a acolhida que esperava, pelo menos entre os leitores europeus.

b) Quanto às concepções de literatura e de história literária

É quando explicita os objetivos dos “Resumos” que o autor apresenta suas idéias relativamente à natureza da literatura e, em especial, à necessidade de uma história literária:

Aliás, pela marcha que seguíamos, nossas idéias deviam se alargar; nossos conhecimentos se desenvolveram; sentimos o movimento geral; submetidos a seu poderio, vimos que cada século, cada país tem seu gênero de belezas literárias; que os acontecimentos políticos influenciam seus espíritos, assim como o clima; que todas as formas distintivas de estilo devem ser conservadas; que, estudando as literaturas, enfim, era preciso estudar o gênio das nações, e que esse, julgado até então com espírito prevenido, deveria sê-lo sem preconceitos. Então a crítica se elevou, rejeitou as discussões de palavra para se entregar ao exame dos pensamentos; aumentando o círculo de suas observações, ela destinou a cada povo o caráter que o distinguia (p. VI-VII).

Reconhecem-se aí as palavras de ordem emanadas das concepções românticas:

- os países se distinguem uns dos outros, provocando diferenças que se imprimem nas obras literárias;
- essas sofrem igualmente as transformações provocadas pelos acontecimentos políticos e pelo clima; observe-se que o impacto do clima e dos fatores naturais é previsto pela epígrafe do livro, em que ele lembra sua obra anterior, *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, e recorre ao pensamento de Humboldt:

Não duvidamos que o clima, a configuração do solo, a fisionomia dos vegetais, o aspecto risonho ou selvagem de uma natureza influenciam o progresso das artes e o estilo que distingue suas produções;

- se as transformações externas afetam a produção literária, não é possível conviver com uma noção universal e uniforme de literatura, sendo preciso examiná-la ao longo da história e em seus variados espaços;
- as literaturas ajustam-se ao “gênio das nações” onde vicejam, de modo que se torna necessário estudá-las na sua relação com o povo que a produziu, verificando onde se expressa o caráter que a distingue.

A história da literatura nasce da alteração imposta ao conceito de literatura, que, também ele, se historiciza, ao se associar à trajetória de uma nação, de que é, simultaneamente, espelho e inspiração. Dicionários biográficos não são mais suficientes, conforme suas palavras, já que, ao invés de uma “nomenclatura vã de obras”, faz-se necessário proceder a reflexões e a análises. Se bem que se reconheçam, nos conceitos, a intromissão de noções extraídas, sobretudo, de Madame de Staël,¹⁴ por exemplo, Denis cita um historiador mais próximo, Pierre-Louis Ginguené,¹⁵ a quem atribui a principal contribuição de ordem metodológica:

Nessa mudança, Ginguené exerceu um grande poder; mostrou sobretudo como a literatura marchava com os acontecimentos políticos. Ele fez sentir como a influência dos grandes poetas se ex-

pande sobre seus séculos: seu admirável talento, seu espírito direito, sua perseverança fizeram com que se conhecesse a extensão destes gênios, cuja leitura freqüentemente não ousávamos empreender, porque era preciso adquirir, para compreendê-los, muitos conhecimentos preliminares (p. VII-VIII).

c) Quanto à proposta de divisão em períodos e às referências aos escritores da literatura brasileira

Esclarecidas as razões por que se voltou à literatura portuguesa, conforme a perspectiva da história da literatura – que, em 1826, era ainda um segmento em ascensão nos estudos literários – e não a dos dicionários, que se consolidaram no século XVIII, Denis apresenta sua proposta de divisão em períodos.

Informa primeiramente que discorda da divisão em quatro períodos, vigente entre os historiadores consultados por ele, propondo uma segmentação em cinco etapas, a saber:

- 1 – O primeiro período é assinalado pela ação civilizadora de D. Dinis, pela obra de Vasco de Lobeira, o *Amadis da Gaula*, e pela atividade criativa de Bernardim Ribeiro, alvo dos maiores elogios do autor.
- 2 – O segundo período está marcado pela produtividade de escritores do porte de Sá de Miranda, Antônio Ferreira, Gil Vicente, Diogo Bernardes e Andrade Caminha. Mas os louvores mais expressivos e extensos dirigem-se a Luís de

Camões, a quem atribui posição exponencial tanto por causa de *Os Lusíadas*, quanto por sua dedicação à pátria lusitana.

- 3 – O terceiro período é ocupado por autores que sucederam a Camões, mas que ainda sofrem os efeitos da aura do poeta épico, o que ocorre a Rodrigues Lobo, Corte Real, Mouzinho de Quevedo, Pereira de Castro e Sá de Meneses.
- 4 – O quarto período corresponde, na França, ao “século de Luís XIV” (p. XVI-XVII); Portugal está subjugado à Espanha, e sua literatura experimenta a decadência e o predomínio do mau gosto. Os autores salientados por Denis são Soror Violante de Céu, Manuel de Faria e Sousa, e João de Vasconcelos.
- 5 – O quinto período acolhe os autores do século XVIII, embora Denis não se refira a datas. São eles o conde de Ericeira, Antônio José, Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio) e Bocage.

A divisão em períodos apresenta duas particularidades, pelo menos:

- Denis refere-se preferentemente aos poetas, abrindo espaço para dramaturgos, como Gil Vicente e Antônio José; mas a prosa será objeto de consideração à parte, embora, ao examiná-la, não contradiga a divisão proposta antes;
- Denis vale-se do termo “período”, mas não estabelece balizas cronológicas, nem identifica os períodos

a séculos, como fará, por exemplo, Almeida Garrett e seguidores, como o brasileiro Joaquim Norberto.

A referência à literatura brasileira aparece após a proposta de divisão em períodos, mostrando-se Denis bastante sucinto, mas, nem por isso, menos revelador. Começa por observar que “uma nação nova reclamava a história de sua literatura”, o que o levou a “traçar suas linhas principais” (p. XVIII). Seu objetivo, no que se refere a esse tópico, é mais amplo, porque, “indicando o caminho que deve tomar a poesia no Novo Mundo, pensei que era conveniente dar a conhecer, rapidamente, o caráter poético das diversas raças” (p. XIX), coerente, pois, com o conceito, proposto no início, de literatura e de história literária. Deixa, porém, o tópico para mais adiante, limitando-se, nesse momento, a indicar que “a literatura brasileira nasce no século XVII; no século XVIII, vemos aparecer dois poemas” (p. XIX).

Cita, na sequência, as obras de Santa Rita Durão e de Basílio, autores dos poemas destacados antes, sobre os quais tece breve comentário. Depois, lembra os nomes de Domingos Caldas Barbosa e Tomás Antônio Gonzaga, além de aludir ao anônimo e “elegante autor das poesias dirigidas às damas baianas” (p. XIX), Domingos Borges de Barros, conforme Guilhermino Cesar.¹⁶

Ao abordar os prosadores, Denis retorna à Idade Média, sugerindo que a divisão em períodos se repete com esse gênero, embora não o declare diretamente. Destaca a ação de Fernão Lopes, mas relaciona igualmente

Gomes Eanes de Zurara e repisa os elogios a Bernardim Ribeiro. Sublinha, dentre os autores do século XVI, Jerônimo Osório, João de Barros, Damião de Góes e Fernão Mendes Pinto. Na seqüência, valoriza a produção de Luís de Souza, Jacinto Freire de Andrade e Antônio Vieira.

Depois de, mais uma vez, censurar o século da decadência e valorizar os esforços de reerguimento intelectual e artístico, graças à ação do conde de Ericeira, Denis refere dois autores brasileiros da época: Rocha Pita e Azeredo Coutinho, pertencentes ao século XVIII. Escrevendo nas primeiras décadas do século XIX, o historiador praticamente ignora a produção de seu tempo, exceção feita apenas à menção aos poemas, na ocasião recentemente publicados em Paris, do baiano Domingos Borges de Barros.

d) Quanto às fontes consultadas

Mais de uma vez o historiador indica as circunstâncias que dificultaram a elaboração de seu trabalho. Uma delas diz respeito à ausência de uma tradição historiográfica, já que foi precedido apenas por Friedrich Bouterwek, autor da *História da poesia e da eloqüência*, que, em 1805, destina o quarto volume à literatura portuguesa,¹⁷ e por Simonde de Sismondi, cuja *De la littérature du Midi de l'Europe* acolhe, entre os capítulos XXXVI e XL, o mesmo assunto.¹⁸ Excetuando-se esses precursores, dispôs Ferdinand Denis dos dicionários, como o de Diogo Barbosa Machado, a *Biblioteca Lusitana*, em quatro volumes.

Os precursores, a seu juízo, não o ajudaram muito, porque suas abordagens são muito genéricas e superficiais. Comenta Denis que “devemos a eles as obrigações, como as que se devem aos primeiros exploradores que avistaram rapidamente, mas que avistaram primeiro”; conclui, contudo, que “a história literária de Portugal ainda está por se fazer” (p. IX).

Por isso, foi preciso buscar material suplementar, elencado pelo pesquisador ao final do “Discurso preliminar”. Verifica-se que Denis encontrou-o não apenas nos dicionários e historiadores citados antes, mas nas obras de viajantes europeus, como Du Châtelet, Doumourier e Heinrich Friedrich Link, que, no relato de suas viagens por Portugal, refere-se às letras portuguesas, Adriano Balbi, autor do *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les productions portugais des deux hémisphères*, parece ter-lhe oferecido informações muito úteis, porque o menciona seguidas vezes ao longo do texto. E ele ainda consultou, com bons resultados, as obras produzidas pela Academia de Ciências de Lisboa, como as *Memórias de literatura portuguesa*, fonte a que recorre bastante.

A segunda dificuldade é referida ao final do “Discurso preliminar”, mas retorna em outros capítulos do livro: trata-se da “raridade de diversas obras portuguesas” (p. XXII), que tentou supplantar recorrendo à ajuda de “alguns

amigos das letras” (p. XXII). Constatou-se que, embora Denis, para se diferenciar dos prestigiados Bouterwek e Sismondi, se jacte de ter bebido nas “fontes” (p. IX), essas parecem não ter sido muito numerosas, nem abundantes. Sua queixa, porém, não diverge daquela que expressará, anos depois, Gonçalves de Magalhães, às voltas, também em Paris, com a redação de seu “Ensaio sobre a história da literatura no Brasil”.¹⁹ A diferença é que Ferdinand Denis resolve levar a tarefa até o final, para marcar seu próprio lugar na história.

“A história literária de Portugal ainda está por se fazer” – eis a missão que escolhe, construindo um conhecimento sobre um passado literário até então disperso em materiais de consulta quase inacessíveis. Acabou impondo paradigmas não aos leitores franceses que tinha primeiramente em vista, mas aos pesquisadores que se seguiram a ele. Concluído o esforço proposto no “Discurso preliminar”, talvez se pudessem dizer, ao fim e ao cabo, que “a história literária de Portugal” foi feita.

Abstract

Statement of the reasons that took Ferdinand Denis, in the first decades of the 19th century, to write the *Summaries of literary history of Portugal and Brazil* (*Resumos da história literária de Portugal e do Brasil*), adopting the innovative perspective, at the time, of history of literature.

Key-words: Summaries of literary history of Portugal and Brazil (*Resumos da história literária de Portugal e do Brasil*), história da literatura, literatura portuguesa, literatura brasileira.

Notas

- ¹ LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. *Biblos*, Coimbra, n. 4, p. 293-323. 1928. p. 293.
- ² Luís Gastão de Escagnolle Doria supõe que Ferdinand Denis aguardaria, no Rio de Janeiro, embarcação para Goa. Cf. DORIA, Luís Gastão de Escagnolle. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 75, p. 219-230. 1912. p. 221. Cf. igualmente LE GENTIL, Georges. Op. cit., p. 295.
- ³ Cf. LE GENTIL, Georges. Op. cit., p. 295.
- ⁴ Relativamente à permanência de Ferdinand Denis no Brasil, em especial na Bahia, cf. BOURDON, Léon. Lettres familières et fragments du journal intime *Mes sottises quotidiennes* de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasília*, Coimbra, n. X, p. 143-286. 1958.
- ⁵ BRUYAS, Jean-Paul. Introdução. In: DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. p. XXII.
- ⁶ NORBERTO, Joaquim. Atas das sessões de 1890. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 53, p. 474-477. 1890.
- ⁷ ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. A fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 300.
- ⁸ Cf. DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. E DENIS, Ferdinand. *Palmares*. Trad. de Maria Helena Rouanet. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-44. 1997.
- ⁹ NORBERTO, Joaquim. Op. cit.
- ¹⁰ Guilhermino Cesar, em 1968, traduziu e publicou os capítulos relativos à literatura brasileira. Cf. DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968. Esse trabalho está republicado em CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.
- ¹¹ Cf. ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- ¹² Cf. a respeito LE GENTIL, Georges. Op. cit.

- ¹³ DENIS, Ferdinand. *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, Libraires, 1826. p. V. As demais citações provêm dessa edição, sendo indicadas as páginas onde se encontram.
- ¹⁴ Cf. Staël, Madame. de. *De l'Allemagne*. Paris: Garnier-Flammarion, 1968. 2v.
- ¹⁵ Pierre-Louis Ginguené (1748-1816) foi encarregado, à época de Napoleão, de escrever a história literária da França, contribuindo com os volumes que apareceram em 1814, 1817 e 1820. Seu trabalho mais importante, modelado a partir da obra de Girolamo Tiraboschi (1731-1794), é *Histoire littéraire d'Italie*, em 14 volumes., publicados entre 1811 e 1835 (os últimos volumes foram escritos por Francesco Salfi e revisados por Pierre Danou).
- ¹⁶ Cf. CESAR, Guilhermino. Op. cit.
- ¹⁷ Cf. BOUTERWEK, Frederick. *History of Spanish and Portuguese Literature*. Trad. Thomasina Ross. London: Boosley and Sons, 1823.
- ¹⁸ Cf. SISMONDI, J. C. L. Simonde de. *Historical View of the literature of the South of Europe*. 4. ed. Trad. Thomas Roscoe. London: Henry G. Bohn, 1853. 2v.
- ¹⁹ Cf. PORTO ALEGRE - GONÇALVES DE MAGALHÃES. *Cartas a Monte Alverne*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.